



CARMELA GROSS
BOCA DO INFERNO



Fundação **Iberê**

CARMELA GROSS

BOCA DO INFERNO

De 10 de agosto a 17 de novembro de 2024



Ao nos depararmos com BOCA DO INFERNO, de Carmela Gross, a primeira impressão é simples: um conjunto de papéis extremamente bem organizados.

Em um segundo momento, já atentos ao que vemos, percebemos que parecem contar uma história. Logo depois, imersos neste “exercício cotidiano de fazer e refazer massas escuras, borrões explosivos, buracos lamacentos, fogo negro, nuvens de fuligem...”, como a própria Carmela nos diz, notamos que essas obras parecem ser um exercício premonitório dos tristes acontecimentos recentes em nossa região.

Vulcões, em vez das águas que também nos trouxeram destruição, como um retrato em negativo.

Fazendo parte da história do nosso ateliê de gravura, todo este conjunto foi produzido aqui, na Fundação Iberê, com a colaboração de Eduardo Haesbaert, artista e amigo de Carmela, na mesma prensa que um dia pertenceu a Iberê Camargo.

Prevista para o início de junho, quando Porto Alegre e toda nossa região ainda estavam sob o impacto do desastre climático, a exposição BOCA DO INFERNO teve que ser postergada. Tudo havia sido tomado pelas águas, como uma lava.

Hoje, ainda no rastro destes fatos difíceis de esquecer, queremos agradecer todo o esforço incansável da nossa equipe nesta retomada. Agradecemos também a Carmela Gross e a sua assistente Carolina Caliento, que trazem a Porto Alegre um sopro de renovação.

Muito obrigado.

EMILIO KALIL
Fundação Iberê



A BOCA DO INFERNO DE CARMELA GROSS ·
A artista observa o mundo e suas imagens. Coleciona fragmentos do que vê. Reúne, por exemplo, dezenas de fotografias de vulcões. Um dia, digitaliza e trata essas fotografias em altíssimo contraste. As montanhas infladas pelo calor incontido se resumem a silhuetas em preto e branco, como se fossem carimbos. Impressas no tamanho da mão e coladas em folhas de um caderno, essas fotografias servem de referência para os primeiros desenhos preparatórios do que, meses depois, se tornará a BOCA DO INFERNO de Carmela Gross. ¶ Com caneta preta, a artista preenche cadernos e cadernos com sombras, silhuetas, esquemas e variações de vulcões. Emprega a repetição como treino da mão – e quem treina se torna, ao mesmo tempo, mais íntimo e mais indiferente a seu fazer. Chega ao ponto em que pode fazer qualquer acidente geográfico parecer-se com um vulcão, assim como pode tornar a fumaça da erupção sólida como rocha. Está

pronta, então, para um salto na escala do fazer e uma troca de processo gráfico. ¶ Após realizar testes preliminares em São Paulo, Carmela Gross viaja para Porto Alegre, onde imerge nos processos gráficos da monotipia, assistida pelo vasto repertório do artista gravador Eduardo Haesbaert e valendo-se da prensa que um dia foi de Iberê Camargo. Em amplos gestos, municiados de pincéis largos ou feitos diretamente com a mão, ela espalha massas de tinta negra diluída em óleo sobre uma grande chapa de cobre. A forma esquemática de vulcões retorna como mancha, com marcas gestuais e gradientes de intensidade difíceis de discernir na superfície metálica avermelhada. Uma folha de papel, então, é umedecida, posicionada sobre a chapa e protegida por uma espécie de manta de feltro. O conjunto inteiro – chapa, papel e manta – passa pela prensa, transferindo parte da tinta da chapa para o papel. A depender das características do papel – mais e menos espesso, mais e menos liso, mais e menos claro – algo do gesto se

conforma na mancha impressa e irrepetível, agora com todas as suas nuances visíveis. ¶ Cento e sessenta vezes, a artista repete esse ciclo. A cada vez, uma nova erupção, uma nova silhueta, uma nova densidade do pigmento. Cada uma nem bem melhor nem bem pior que a anterior. Com o acúmulo do fazer, entretanto, o movimento desvencilha-se da tendência ao triângulo escaleno, adquirida no desenho repetido dos vulcões. A mancha se faz mais e mais mancha, conforme a artista insiste em seu labor. De tanto ser mancha, entretanto, torna-se também pedregulho, meteorito, buraco, tumor. ¶ A instalação BOCA DO INFERNO se faz da disposição de todas essas tentativas, todas essas explosões. /// Como é viver nas proximidades de um vulcão? Como é conviver com essas fissuras que há muito ensinaram a humanidade que o tempo geológico segue seu próprio andamento, indiferente ao vai e vem das pessoas e animais? ¶ Os vulcões nos ensinaram, tão antes do desastre autoinfligido do

antropoceno, a crueza da fatalidade e do destino. Não obstante, sempre houve quem vivesse aos pés de vulcões, por escolha ou por obrigação, usufruindo da fertilidade do solo misturado com nutritivas cinzas e rochas trazidas das entranhas do planeta. ¶ Vale ponderar porque Carmela, nascida e criada em um país sem vulcões, invocou sua presença em anos recentes da história brasileira. Onde estaria ela encontrando a fumaça, a queima e a destruição advindas de tais “bocas do inferno”? Pode haver uma pista na escolha desse título, que funciona não apenas como metáfora recorrente do vulcão como passagem ao mundo subterrâneo, mas também como aceno ao poeta baiano Gregório de Matos, que recebeu essa alcunha no século XVII. Satírico, ácido, humorístico e, eventualmente, pornográfico, Gregório encarou a obscenidade da sociedade brasileira, demonstrou suas contradições de caráter e lhe desejou o pior. Carmela não emprega palavras para responder diretamente ao conservadorismo

tacanhão de seu tempo, nem aos devaneios autoritários de líderes recentes, e tampouco à política em favor da morte que tem orientado diretrizes econômicas, sanitárias, urbanísticas, educacionais, judiciárias e de segurança. Ainda assim, ela conclama – enquanto desliza a tinta preta sobre a chapa de cobre – a presença inconformada de Gregório. ¶ A erupção, o buraco e o meteorito se refazem simultaneamente como ameaça, esvaziamento, persistência e desabafo. ¶ Em sua repetição do gesto, a BOCA DO INFERNO de Carmela se perfaz como coleção de manchas. Deixa que entre em cena uma espécie de entropia do signo e da expressão, numa dinâmica recorrente na obra da artista. Coloca em cena, ao mesmo tempo, uma sorte de tenacidade na sustentação do processo.

Paulo Miyada é diretor artístico do Instituto Tomie Ohtake (São Paulo), e curador adjunto do Centre Pompidou (Paris). Foi curador adjunto da 34ª Bienal de São Paulo, com a participação de Carmela Gross. Sua parceira com a artista inclui também a curadoria da mostra coletiva *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar* (São Paulo, 2018) e das individuais *Carmela Gross – RODA GIGANTE* (Porto Alegre, 2019) e *Carmela Gross – QUASE CIRCO* (São Paulo, 2024).







Monotipia sobre papel, 66 x 51 cm



Monotipia sobre papel, 60 x 46 cm





Monotipia sobre papel, 78 x 53,5 cm cada



Monotipia sobre papel, 79,5 x 54 cm





Monotipia sobre papel, 79,5 x 54 cm cada



Monotipia sobre papel, 121 x 80,5 cm cada





Monotipia sobre papel, 106 x 78 cm



Monotipia sobre papel, 121 x 80,5 cm

















Monotipia sobre papel, 121 x 80,5 cm

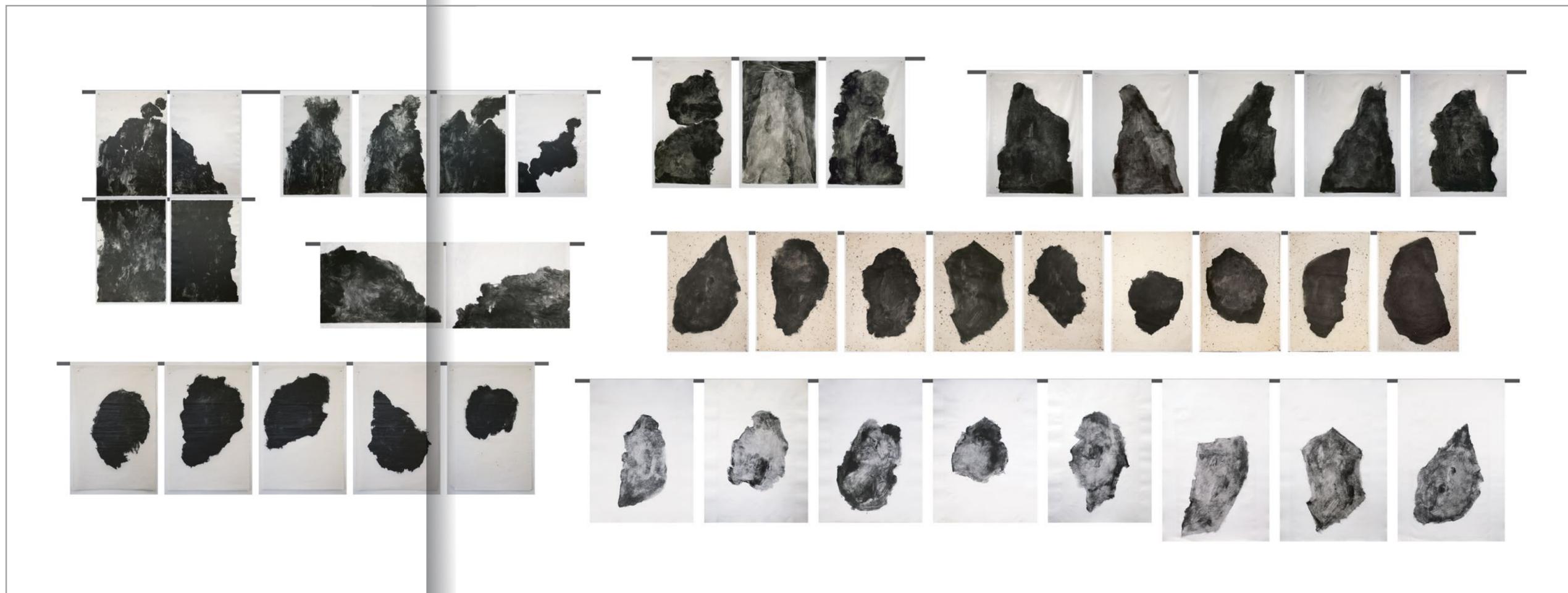
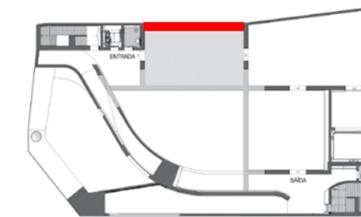


Monotipia sobre papel, 106 x 78 cm

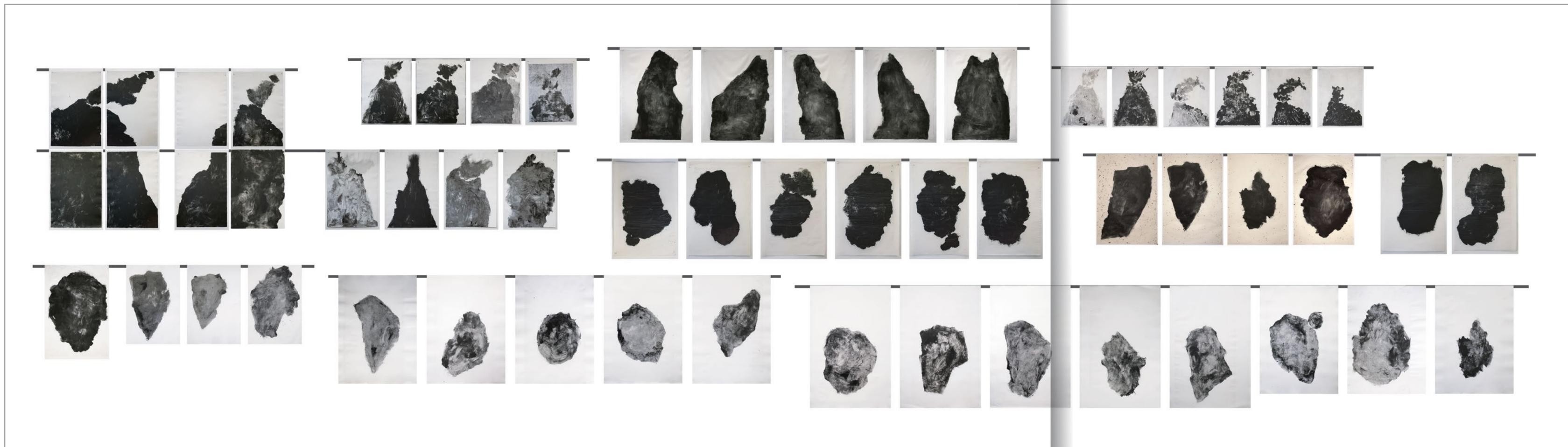
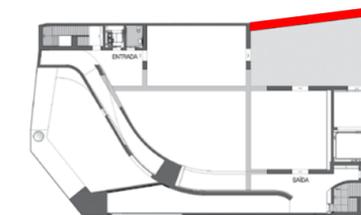
Páginas siguientes:
Monotipia sobre papel, 78 x 53,5 cm cada



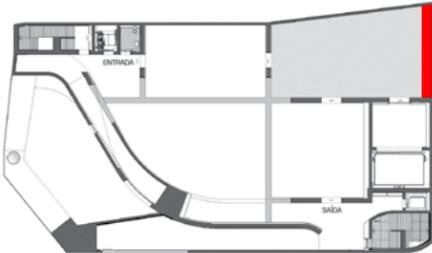
Carmela Gross, BOCA DO INFERNO
Projeto da instalação no espaço expositivo
do terceiro piso da Fundação Iberê, 2024
Sala 1



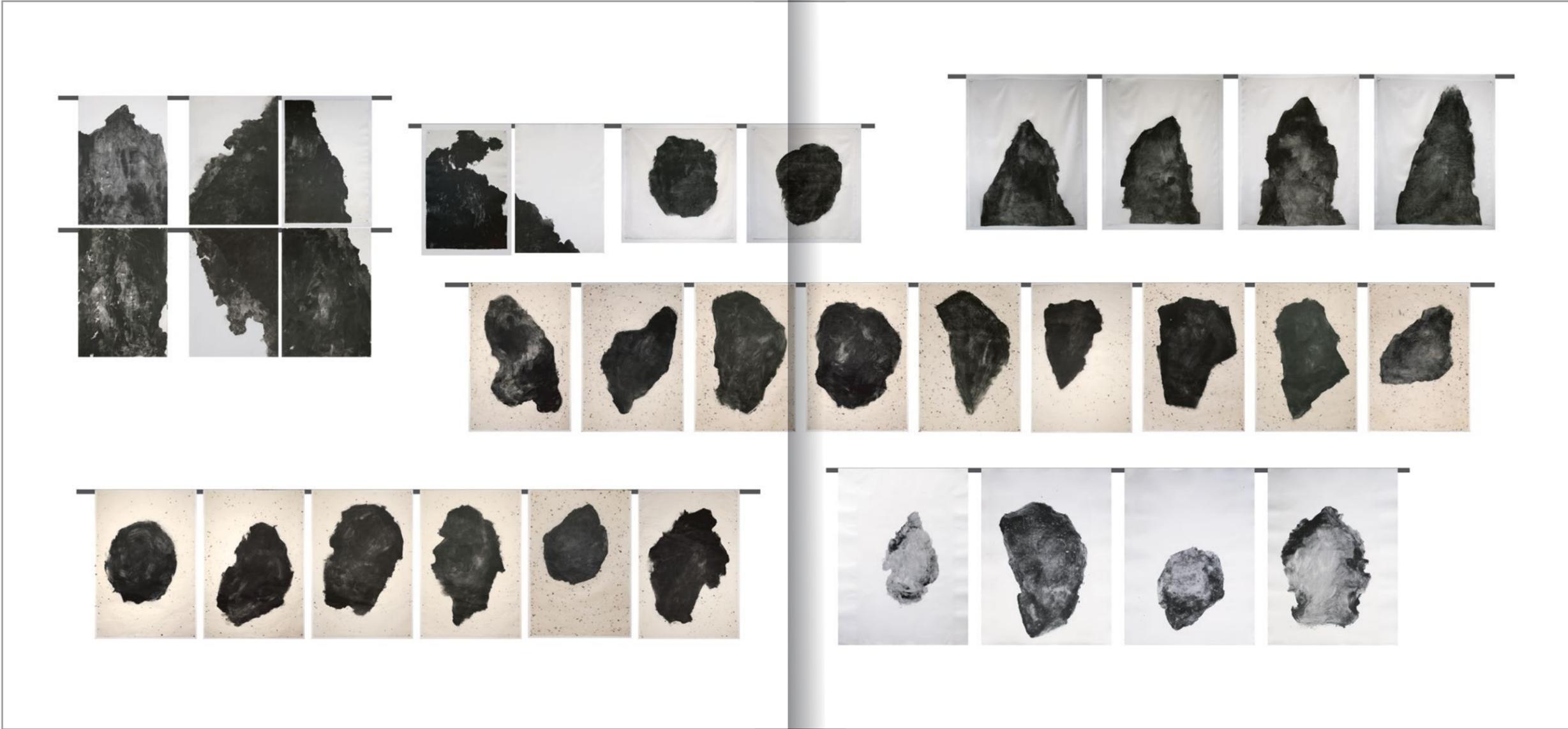
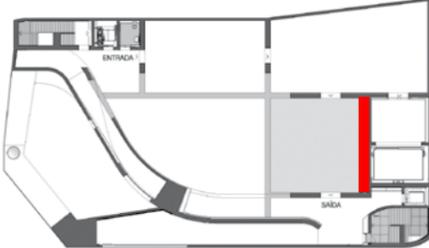
Carmela Gross, BOCA DO INFERNO
Projeto da instalação no espaço expositivo
do terceiro piso da Fundação Iberê, 2024
Sala 2

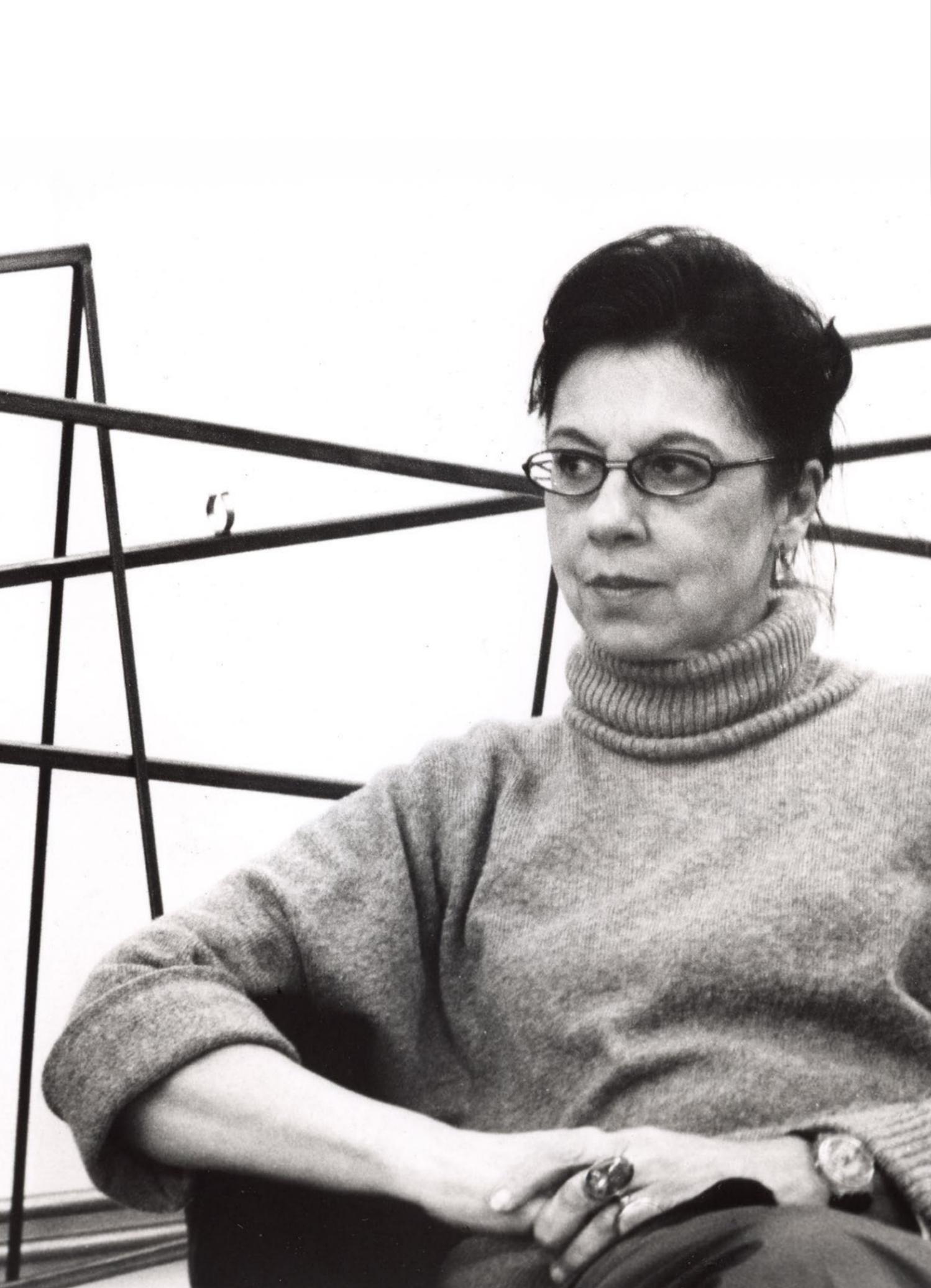


Carmela Gross, BOCA DO INFERNO
Projeto da instalação no espaço expositivo
do terceiro piso da Fundação Iberê, 2024
Sala 2



Carmela Gross, BOCA DO INFERNO
Projeto da instalação no espaço expositivo
do terceiro piso da Fundação Iberê, 2024
Sala 3





CARMELA GROSS

Carmela Gross tem realizado trabalhos em grande escala que se inserem no espaço urbano e assinalam um olhar crítico sobre a arquitetura e a história urbana. O eixo comum, para além da diversidade dos contextos e das propostas elaboradas em cada caso, é o conceito básico de trabalhar-na-cidade. O conjunto de operações que envolve desde a concepção do trabalho, passando pelo processo de produção, até a disposição no lugar de exibição enfatiza a relação dialética entre a obra e o espaço, entre a obra e o público/ transeunte. Os trabalhos procuram engendrar novas percepções artísticas que afirmam uma ação e um pensamento críticos e que trazem à tona a carga semântica do lugar, seja ele um espaço público, uma instituição ou o momento de uma exposição.

Carmela Gross nasceu em São Paulo, em 1946, onde vive e trabalha. cursou artes plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado, nos anos 1960, e tornou-se mestre (1981) e doutora (1987), sob orientação do crítico de arte e curador Walter Zanini (1925-2013), pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde lecionou nos cursos de graduação e pós-graduação em artes visuais, de 1972 a 2018.

A artista já participou de oito edições da Bienal de São Paulo, e de exposições individuais e coletivas, no Brasil e em diversos países: França, Estados Unidos, Rússia, Eslováquia, México, Colômbia, Espanha, Chile e Itália, entre outros. Tem obras nos acervos de vários museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da USP, Instituto Itaú Cultural, ambos em São Paulo, Museu de Arte de Brasília, DF, Biblioteca Luis Ángel Arango, Bogotá, MoMA, Nova York, Museum of Fine Arts, Houston, entre outros, e em coleções particulares referenciais. Realizou obras públicas nas cidades de Laguna, em Santa Catarina, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e em Paris, na França.

CARMELA GROSS BOCA DO INFERNO

EXPOSIÇÃO

Projeto expográfico
Carmela Gross
Carolina Caliento

Design gráfico
Adriana Tazima

Montagem
Concreção

Seguro
Howden Brasil

Transporte
Valentim Transportes

Laudos técnicos
Ellen Ferrando
Florence Cuschieri

Produção e Realização
Fundação Iberê

ATELIÊ CARMELA GROSS

Carolina Caliento
Pedro Perez Machado

CATÁLOGO

Coordenação editorial
Gustavo Possamai

Texto
Paulo Miyada

Revisão de texto
Beatriz Caillaux

Projeto gráfico
Pomo Estúdio

Tratamento de imagem
Carolina Caliento

Fotografias
Carolina Caliento, p. 2, 4, 13-55,
capa, contracapa
Gustavo Possamai, p. 10
(à esquerda), 11 (à direita)
Luiz Renato Martins, p. 10
(à direita), 11 (à esquerda)
Maycon Lima, p. 56

Impressão
Impresul

Páginas 10-11: A artista Carmela Gross e o impressor Eduardo Haesbaert no Ateliê de Gravura da Fundação Iberê, em 2019.

Página 56: Carmela Gross em seu ateliê, em São Paulo, 2012.

Edição 2024
© Fundação Iberê

AGRADECIMENTOS

A série BOCA DO INFERNO é constituída por 160 monotipias à óleo sobre papel e seda. O trabalho foi realizado em 2019, no Ateliê de Gravura da Fundação Iberê, e apresentado pela primeira vez na 34ª Bienal de São Paulo, em 2021.

A realização desse trabalho é indissociável do empenho generoso do artista Eduardo Haesbaert – a quem a artista agradece sinceramente. A artista agradece também a hospitalidade efetiva com que Emilio Kalil, diretor da Fundação Iberê, acolheu o projeto.

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettems
Fernando Luís Schüler
Frances Reynolds
Glauca Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Joseph Thomas Elbling
Júlio Cesar Goulart Lanes
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Anna Paula Vasconcellos Ribeiro
Flavia Soeiro
Ingrid de Króes
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emilio Kalil

Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro

Secretaria Executiva
Nara Rocha

Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais
José Kalil

Programa Educativo
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Ilana Machado, coordenação
Juliana Corrêa, assistente de coordenação
Alícia Kern, Brenda Leie, Eduarda Fassina Silva,
Gabrielle Aguiar Lopes, Júlia Buiate,
Luís Hofmeister, Pedro Dalla Rosa, Renato Vargas
e Vítor Daniel Rosa, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai
Nina Sanmartin
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Administrativo/Financeiro
Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI
Machado TI

Produção
Thiago Araújo
Raphael Costa

Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpatto, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Receptivo
Andressa Dresch
Laura Palma

C287 Carmela Gross: boca do inferno / texto Paulo Miyada.
– Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2024.

60 p.: il. color.
Catálogo da exposição realizada na
Fundação Iberê de 10/08/2024 a 17/11/2024.
ISBN 978-85-89680-88-2

1. Artes gráficas. 2. Gravura. I. Gross, Carmela.
II. Miyada, Paulo. III. Fundação Iberê Camargo.

CDU 76

Catálogo na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES

PATROCINADORES

Grupo IESA



GRUPO GPS



PROGRAMA EDUCATIVO

IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO/PARCEIRIAS

Perto



CatSul



REALIZAÇÃO

Fundação Iberê

MINISTÉRIO DA
CULTURA



MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2024

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMES | FRANCES REYNOLDS

GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JOSEPH THOMAS ELBLING | JÚLIO CESAR GOULART LANES | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY

RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN | WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

MANTENEDORES: ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | IRINEU BOFF | JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON





Fundação **Iberê**

Av. Padre Cacique, 2000
+55 (51) 3247 8000
Porto Alegre/RS

www.iberecamargo.org.br

ISBN 978-85-89680-88-2

